



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 16, v. 3

out.2021-dez.2021

p. 169-182

Her: reflexões ciborgues e psicanalíticas sobre binarismos de gênero

(Her: the cyborg theory and psychoanalytic reflections on gender binarism)

(Her: reflexiones ciborgs y psicoanalíticas sobre binarismos de género)

Thais Gomes de Oliveira¹

Larissa Ramos da Silva²

RESUMO: O presente artigo tem como ponto de partida o filme *Her*, de Spike Jonze. Com base nele, as autoras desenvolvem uma análise que coloca gênero como foco, utilizando contribuições de autoras/es do campo dos estudos feministas e de gênero. Partindo do pressuposto de que os saberes são sempre parciais e situados, como nos indica Donna Haraway, apresentamos uma possibilidade de leitura. Nesta pesquisa, as categorias “homem” e “mulher” são relativizadas, inspiradas na proposição de ciborgue e, para isso, o filme é como um disparador. Problematicamos o binarismo estruturalista que perpassa as relações de gênero, estendendo o estudo para o âmbito da psicanálise e propondo alternativas de leitura que buscam romper com tal lógica.

PALAVRAS-CHAVE: Feminismo. Psicanálise. Ciborgue. Binarismo.

Abstract: Based on the movie *Her*, by Spike Jonze, this paper analyzes the concept of gender from the contributions of specialists in the field of feminist studies and gender. Considering that knowledge is always partial and situated, as indicated by Donna Haraway, this article offers a possible reading for the movie. To this end, it works as a trigger for the categories “man” and “woman,” which are put into perspective inspired by the cyborg proposition. The structuralist binarism that permeates gender relations is problematized, extending this analysis to the Psychoanalytical scope of and proposing alternative views that aim to break through this logic.

Keywords: Feminism. Psychoanalysis. Cyborg. Binarism.

Resumen: Este artículo toma como punto de partida la película *Her*, de Spike Jonze. Esta película es analizada por las autoras teniendo como foco el género bajo las contribuciones de autoras/es del campo de los estudios feministas y de género. Desde el supuesto de que el conocimiento es siempre parcial y situado como lo apunta Donna Haraway, presentaremos una posible lectura. En el análisis propuesto, las categorías “hombre”, “mujer” están relativizadas, inspiradas en la proposición ciborg y, para eso, la película es una disparadora. Problematicaremos el binarismo estruturalista que impregna las relaciones de género extendiendo el análisis al campo del psicoanálisis al proponer alternativas de lectura que buscan romper con esa lógica.

Palabras clave: Feminismo. Psicoanálisis. Ciborg. Binarismo.

1 Psicóloga pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da UFRGS. E-mail: gomes.thaisoliveira@gmail.com.

2 Psicóloga pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura da UFRGS. E-mail: larissa.ramos63@gmail.com.



Artigo licenciado sob forma de uma licença Creative Commons [Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). (CC BY-NC 4.0)

Recebido em 30/06/2020

Aceito em 01/06/2021

1 Introdução

Este é um texto que surge a partir de um reencontro das autoras com o filme *Her*, dirigido por Spike Jonze e lançado no Brasil em 2014. Nele, somos plateia de um cine-debate no qual, passado um bom tempo de discussão, percebemos não estarem incluídas questões de gênero que poderiam gerar importantes e frutíferas discussões. Assim, haveria um total esvaziamento das leituras possíveis sob um prisma de gênero em um filme nomeado por um “pronome feminino” – que tem nos relacionamentos seu principal enredo.

No debate citado, a discussão se deteve principalmente em aspectos de uma relação dualista homem/máquina, tomando a metáfora do Sistema Operacional do filme como seu tema central. Isso nos gerou, enquanto pesquisadoras no campo da psicologia, da psicanálise e dos estudos de gênero, inquietações que nos movimentaram em direção à escrita deste texto. Já naquele momento, pensamos que um olhar para o filme sob uma perspectiva das relações de gênero poderia ampliar o debate. Além disso, relembramos o rompimento da oposição homem/máquina enquanto duas categorias bem delimitadas conforme problematizado na obra de Haraway a partir da figura do ciborgue. Nesse sentido, fundamentamos aí a base de uma contribuição possível que se materializou neste artigo.

Localizadas enquanto corpo e situando que este texto é uma produção que parte de nossas experiências e pesquisas, seguimos as pistas de Haraway (2009b) e determinamos que todo conhecimento que produzimos é parcial, localizado. Escrevemos enquanto mulheres, brancas – somos atravessadas por inúmeras lógicas discursivas –, psicólogas, pós-graduandas com ênfase em diferentes campos do saber: trazemos nas linhas subsequentes leituras advindas de estudos de gênero e de estudos feministas, com articulação dos campos da psicologia social e da psicanálise. Aqui, apontamos para as possibilidades de um campo híbrido de análise, apostando no diálogo entre diferentes áreas do saber como forma de construir uma terceira área. (AYOUCH, 2019)

Tomaremos o filme enquanto uma produção e, longe da pretensão de desenvolvermos uma análise fílmica enquanto metodologia de escrita, postulamos possibilidades de leitura e de análise que consideram o filme uma tecnologia de gênero, nas direções que nos aponta a autora Teresa de Lauretis. (1994) Enquanto produção cinematográfica, o filme possibilita leituras em torno de relações generificadas. Para além de nos perguntarmos sobre as categorias de “homem” e de “mulher” que podem ser lidas por meio do filme, trazemos as concepções ciborgues postuladas por Donna Haraway (1997), como forma de diluir fronteiras e ir além de dicotomias e dualidades. Somado a isso, trazemos autoras/es³ que contribuem no desenvolvimento de uma

3 A generificação da gramática nos coloca a subverter seus usos, reconstruir suas produções de sentido. Inspiradas por autoras como Grada Kilomba e Debora Diniz, usamos o feminino inicialmente – cientes de que nenhuma possibilidade de uso da linguagem totalizaria as possibilidades de existência.



pesquisa feminista e localizada, que coloque em diálogo estudos pós-estruturalistas de gênero e contribuições de autoras/es do campo da psicanálise.

Nesse sentido, o filme surge como disparador de discussões entre nós, atravessadas pelas leituras e afetações de nossos campos de pesquisa, e lançamos um olhar para além das dicotomias humano/máquina, homem/mulher que presenciamos no referido debate. Contudo, não objetivamos a descrição e análise aprofundada do filme, mas o testemunho deste percurso de discussões, questionamentos e pesquisas suscitado pela experiência com este filme. Objetivamos, portanto, a partir da discussão do filme, problematizar os binarismos nas leituras de sexo/gênero, colocando em articulação estudos feministas e psicanálise. No decorrer do texto, propomos inicialmente o posicionamento dos percursos metodológicos utilizados para desenvolver essa análise; posteriormente, trazemos ao cerne do texto a produção ciborgue de Haraway; traremos na subsequência contribuições psicanalíticas que auxiliam na produção que buscamos. Desenvolvemos com mais especificidade a análise de três trechos, não necessariamente tomados de forma linear no filme, aproximando pontos de diálogo entre diferentes campos do saber; e encerraremos apontando para possibilidades híbridas de diálogo.

2 Método

Como forma de romper com leituras dualistas e opositivas, buscamos a radicalidade proposta pela indicação de conhecimento situado. Partimos de pressuposição teórica e metodológica que situa o conhecimento enquanto uma produção sempre parcial, oferecendo uma outra possibilidade de pensamento científico que extrapole a ilusão de neutralidade de quem pesquisa.

Seguimos as pistas críticas de Donna Haraway (2009b) que nos alertam sobre a posição do pesquisador que possuiria o olhar de deus: o olhar de ninguém sobre coisa nenhuma. Haraway postula o conhecimento situado enquanto uma objetividade feminista e corporificada, em que somente a radical parcialidade oferecerá visão objetiva. Nesse diálogo, defendemos então que situar o conhecimento é não só assumir e problematizar os lugares que os corpos ocupam e por quais articuladores sociais da diferença são atravessados, mas também estabelecer quais são os pontos teóricos e a política de usos conceituais que se pretende.

Assumiremos uma metodologia feminista, e aqui isso significa o processo de exploração de contradições e o que a partir delas pode se produzir, por meio da insistência em “métodos de pensamento e de ação que nos encorajam a uma reflexão que une coisas que parecem ser separadas e que desagrega coisas que parecem estar naturalmente unidas”. (DAVIS, 2018, p. 99) O diálogo com Angela Davis nos auxilia na construção de complexas perguntas, oferecendo um



olhar para as relações de essencialização binárias no que concerne às categorias “mulher” e “homem” – na hibridização com o Sistema Operacional. Inspiradas por Davis e Haraway, lembramos que não buscamos essencializar a própria metodologia feminista ou quem seria o sujeito do feminismo. Seguimos na busca de uma extrapolação de fronteiras, buscando desafixar lugares de existência nas posições discursivas que ocupam os sujeitos.

Além disso, sustentamos teoricamente a produção de análise de tais relações por meio do filme, o que significa que não pretendemos a análise fílmica enquanto metodologia. O filme é aqui uma produção cultural, na nossa análise interpretado enquanto uma tecnologia de gênero (LAURETIS, 1994) e, além disso, uma ferramenta que possibilita aproximar conceitos que nos auxiliam a romper com modos essencializantes que podem fixar operações de gênero. O filme atua, portanto, enquanto disparador do problema de pesquisa investigado no presente estudo a partir da experiência das autoras no encontro com ele, mais do que enquanto objeto de estudo.

Colocaremos em análise três trechos do filme referido, propondo costuras teóricas entre psicanálise e teorias feministas, como forma de buscar modos de romper noções dualistas e opositivas, apostando em pontos de aproximação entre essas teorias. Desta maneira, pretendemos articular leituras que possibilitem aberturas para o encontro entre o psicanalítico e o ciborgue a partir do que o filme produz.

3 Possibilidades ciborgues de análise de gênero

Donna Haraway (2009a) nos apresenta a ideia de ciborgue – um construto heterogêneo que aponta possibilidades de romper com dualismos e que questiona a naturalidade de categorias. Entre elas, sem dúvidas, as categorias de sexo e de gênero. Haraway nos apresenta o ciborgue enquanto uma alegoria, um conceito comprometido com a oposição, que se pactua com a fusão entre fronteiras, borrando os limites postulados em observação do que seria chamado natureza. O ciborgue está comprometido com a radicalidade da parcialidade, como uma indicação desse espaço de produção de saber que está, ironicamente, vindo para confundir. Nas palavras da autora, “um ciborgue é um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção”. (p. 36) E é uma criação de um mundo pós-gênero, que reestrutura natureza e cultura.

Dolores Galindo (2003) vai defender que Haraway eleva o ciborgue para, além de uma expressão, uma categoria conceitual e política, que aponta para possibilidades utópicas da criação de um mundo sem gêneros. Se explicamos os corpos a partir de determinadas discursividades binárias e oposicionistas que acabam construindo sistemas lineares na



compreensão de sexo/gênero/desejo, como também nos aponta Butler (2016), Haraway aposta na confusão de fronteiras como forma de sair dos labirintos pelos quais os corpos são explicados.

Essa confusão, esse método irônico e oposicionista de questionar a naturalização de categorias nos inspira à elaboração de perguntas nesse mundo futurista de *Her*. Trazemos para discussão algumas leituras possíveis, considerando que uma dinâmica ciborgue, de relações afetivas e sexuais sem corpo, em um suposto cenário marcadamente tecnocientífico, nos auxiliam na desnaturalização de dualidades opositivas. O ciborgue, enquanto criatura de ficção, nos acompanha. Além dele, as proposições figurativas de Haraway: em estudo que mistura feminismo e tecnociência, ela aponta a figuração como “uma prática complexa profundamente enraizada na semiótica do realismo ocidental cristão”⁴ (HARAWAY, 1997, p. 21), e o faz diante da construção de complexos “personagens” – figuras construídas de forma a questionar todo um sistema-mundo. Aqui, não adentraremos as figurações conceitualmente, mas é importante situar a proposição de colocar em análise o feminismo conjuntamente com tecnociência, nesse comprometimento de colocar a tecnologia enquanto uma produção nada inocente e que atua em formações discursivas subjetivas.

Ancoradas nas provocações da autora, seguimos na articulação entre voz/gênero, masculino/feminino, realidade/produção fílmica, humano/não-humano – na busca constante de romper leituras binárias e essencialistas. Como forma de seguir apostando na hibridez como método, traremos a seguir contribuições psicanalíticas e seguiremos na construção de perguntas que possibilitem expansões de análise.

4 Psicanálise: entre binarismos e hibridez

Desde a sua criação com Freud, a psicanálise se debruça sobre o tema da sexualidade extensivamente, ao ponto de Gayle Rubin (2017) considerá-la uma teoria feminista *manqué*⁵. Ao longo de suas construções sobre feminilidade, por exemplo, Freud explicitou abertamente o sofrimento de mulheres de seu contexto cultural, derrapando, contudo, ao tomar as diferenças generificadas que encontrou nas formas de sofrimento como fundamentadas em uma premissa biológica incontestável.

Podemos pensar, a partir daí, que desde sua fundação a psicanálise aborda relações de gênero, mesmo que Freud não tenha discorrido sobre o tema de forma crítica ou explícita. Contudo, ao longo de toda sua teorização podemos encontrar formulações que se relacionam às

4 Tradução livre.

5 O texto de Rubin, mesmo em português, não traduz o termo *manqué*, que poderia ser livremente traduzido por “faltante”. Nesse sentido, além de apontar para o fato de que a psicanálise muito se ocupa das relações de gênero sem lançar um olhar crítico sobre a própria produção nesse sentido, a autora brinca com o significante da falta (*manque*), tão caro à psicanálise lacaniana e tão diretamente ligado às noções psicanalíticas sobre gênero.



diferenças generificadas nas relações em seu contexto histórico, geográfico e cultural. Por exemplo, a noção de que a histeria teria a ver com uma repressão sexual que tem lugar na palavra, no discurso – e não com etiologia exclusivamente orgânica ou relacionada às viagens do útero pelo corpo⁶ – demonstra o quanto se pôde perceber um sofrimento das mulheres europeias daquela época. Porém, Freud pouco contextualiza o lugar das mulheres na cultura específica daquele tempo para pensar no que encontrou clinicamente.

Outro ponto que acompanha a psicanálise desde os primórdios com Freud é seu caráter paradoxal. Enquanto pôde avançar com vários rompimentos binários, o autor se ancorou em muitos outros. Conseguiu situar, por exemplo, a sexualidade perversa e polimorfa que nos constitui a todas/os (Freud, 1977), não centrada na genitalidade reprodutiva, embora em outros tantos momentos tenha afirmado a heterossexualidade reprodutiva enquanto normalidade e, mais ainda, teleologia da sexualidade humana. Avançou, também, ao situar a pulsão enquanto rompimento do binarismo mente/corpo, postulando seu caráter híbrido entre necessidade e desejo construído na relação com o outro.

Ao mesmo tempo, a teoria freudiana está repleta de oposições binárias características de seu pensamento. Karen Horney (1966) foi a primeira a apontar essa premissa básica do pensamento freudiano:

Uma quarta característica básica do pensamento de Freud é a sua tendência a considerar os fatores psíquicos como associados em pares antagônicos. Este modo dualista de pensar que, aliás, estava profundamente arraigado na mentalidade filosófica do século XIX, transparece através das formulações teóricas de Freud. [...] A sua concepção de ‘feminilidade’ e ‘masculinidade’ como pólos opostos é uma outra expressão de seu pensamento dualista. A rigidez que este tipo de pensamento envolve implica certa tonalidade mecanicista [...] (p. 38)

O par binário feminilidade/masculinidade merece alguma atenção para os propósitos deste estudo. Por mais que tenha afirmado uma bissexualidade inata para todos – o que pode se traduzir como a tendência aos múltiplos investimentos da libido, não centrados de acordo com uma finalidade biológica reprodutora determinada pela natureza – Freud reafirma diversas vezes a heterossexualidade como desenvolvimento final da sexualidade “normal”, chegando a postular o conceito de feminilidade normal. Ao par mencionado foi atrelado o par passivo/ativo, cujas fronteiras o autor borra aqui e ali, para, mais tarde, delimitá-las novamente.

Em *Organização genital infantil* (1976), afirma: “A masculinidade combina [os fatores de] sujeito, atividade e posse do pênis; a feminilidade encampa [os de] objeto e passividade. A vagina é agora valorizada como lugar de abrigo para o pênis; ingressa na herança do útero”. (p. 184) Embora o próprio autor problematize que a tradição de associar ativo ao masculino e

6 Ainda no século XIX se acreditava que o útero se deslocaria dentro do corpo, provocando as crises histéricas observadas. Dessa tradição de pensamento se origina, inclusive, o termo “histeria”: do grego *hystera*, útero.



passivo ao feminino pode não passar de uma convenção, acaba por reiterá-la e por buscar uma fundamentação em uma diferença sexual calcada na diferença anatômica, tomada como fato biológico.

Na operação com a diferença sexual, talvez mais do que em outras, mostra-se de maneira privilegiada o binarismo oposicionista que atravessa a teorização. O que vemos, ao longo da obra freudiana, são ensaios de rompimento com fronteiras bem estabelecidas, mas que não são levados a cabo, como bem situado por Rubin (2017).

Destacamos a importância de um olhar sobre essa origem do pensamento psicanalítico para melhor compreendermos algumas das oposições binárias com as quais operamos ainda hoje: homem/mulher, feminino/masculino, função paterna/função materna, entre outras. Rodolfo (2012) sublinha que, ao privilegiarmos determinados conceitos como centrais e, em torno deles, criarmos esses pares de oposição, geramos uma fixidez no pensamento que não dá conta da complexidade das relações do sujeito. Entretanto, vemos ainda a tentativa de enquadre que a psicanálise busca ao reiterar, ao invés de repensar, muitos de seus conceitos.

Preciado (2019), em uma fala recente em um evento psicanalítico na França, afirma a decadência da noção de diferença sexual calcada em uma determinada leitura do biológico que vem se desmontando desde os anos 1940, pelo menos. Em sua leitura grandemente inspirada por Haraway, Preciado (2017), em seu *Manifesto Constrassexual*, explicita o quanto essa diferença sexual que orienta epistemologicamente a psicanálise trata de destacar determinadas partes do corpo como zonas erógenas privilegiadas e hierarquizadas, tomando a heterossexualidade patriarcal como norma.

Dessa maneira, torna-se evidente a necessidade de contribuições pós-estruturalistas no campo da psicanálise, que sugerimos que podem florescer do encontro com as noções ciborgues propostas por Haraway: ao sujeito não cabe mais posicionar-se em uma de duas posições possíveis na linguagem, formando uma identidade quase estática. O sujeito, sob esse prisma, desliza por diferentes posições e nenhuma delas aporta uma garantia identitária. Por outro lado, torna-se preciso, também, resgatar as potencialidades já presentes do campo psicanalítico para a aposta em leituras híbridas sobre o sujeito.

5 Ela?

Embora não explicita o tempo em que se passa, *Her* traz uma realidade distópica mostrada principalmente a partir de como Theodore Twombly se relaciona com o mundo. É um cenário com tecnologias diferentes das que usamos cotidianamente e que se inicia com a história de Theodore em sua atividade de escrita de cartas – apresentando um tom de solidão que reforça



sua dificuldade em atravessar o término de seu casamento. Nessa outra realidade tecnológica, os comandos de voz têm um lugar central, sendo que os acoplamentos humano/não-humano são trazidos em relevo. Apresentaremos as discussões em três trechos destacados a partir da afetação das autoras no encontro com o filme.

5.1 Trecho 1

Theodore passa pela divulgação de uma nova possibilidade tecnológica, o Sistema Operacional (SO1), com a promessa de ser acompanhado por alguém que lhe conhece, lhe entende, lhe escuta. Esse sistema aparece como uma intensificação distópica do que entendemos como inteligência artificial, visto que os SO1 apresentam habilidade de expansão a partir das experiências e de desenvolver relações complexas entre si e com humanos.

A primeira pergunta que é feita a Theodore durante a instalação do sistema é se ele prefere uma voz “feminina” ou “masculina” em seu SO1, ao que ele responde com “feminina, eu acho”⁷. Quando a voz “feminina” é inaugurada no filme, Theodore começa um diálogo e pergunta qual o nome do SO1. A partir dessa pergunta, Samantha se nomeia. Cabe destacar que em nenhum momento Samantha é denominada enquanto mulher; isso é inferido a partir da escolha de uma voz “feminina” e um nome “feminino”, a partir dos quais passa-se a referenciar Samantha com um pronome feminino: ela. Sendo assim, Samantha é nomeada a partir das escolhas e perguntas de Theodore, inferindo-se que ele busca a companhia de uma mulher. Nesse sentido, o filme dá a ver uma performatividade de gênero a partir de uma categoria discursiva (BUTLER, 2016), mulher, tomando como ponto de partida a nomeação e o tom de voz.

Em consonância com essa performatividade, ela assume para ele um lugar similar ao de uma assistente pessoal: organizando e-mails, agenda e seus compromissos e tarefas. Conforme começam a conversar mais sobre questões pessoais, contudo, vão criando certa intimidade e gradativamente ela começa a ocupar outro lugar na relação com ele. As questões pessoais que Theodore traz referem-se principalmente ao seu relacionamento com a ex-esposa, enquanto as questões pessoais de Samantha são sobre suas inseguranças e “pensamentos malucos”, que giram em torno principalmente da frustração por não ter um corpo.

Essa frustração vai se mostrando, ao longo das cenas, como relacionada a Theodore: ela gostaria de ter um corpo para lhe acompanhar e equiparar-se a ele, porque acredita que ele desejaria que ela tivesse um “corpo de mulher”. Aqui, pode-se problematizar a partir do filme a

7 Vale lembrar que os programas de inteligência artificial e/ou comunicação automática por aplicativo já existentes, em sua grande maioria, trazem essa característica de uma voz dita “feminina”. Por exemplo: SIRI, Alexa, Cortana, Google, Waze, comunicação com o cliente em diversas lojas e serviços etc. Poderia isso refletir uma facilidade de colocar o que é tido como feminino em um lugar de objetificação e servilidade?



construção de uma continuidade ilusória em um sistema sexo/gênero/desejo: partindo do que absorveu de informação sobre a cultura humana, Samantha fantasia que sendo Theodore um homem, desejaria que ela fosse uma mulher e tivesse um “corpo de mulher”. Enquanto isso, ela, sendo denominada por um pronome feminino, deveria performar uma ideia de feminilidade e ter esse corpo desejado, que é um corpo passível de ser penetrado, o que nos leva ao trecho seguinte.

5.2 Trecho 2

Samantha incentiva Theodore a ir em um encontro com uma mulher, mostrando a ele fotos dela, enviando mensagens e escolhendo o restaurante para eles. Após o encontro, Theodore e Samantha iniciam um diálogo em que Samantha pergunta o que se passa com ele – o que revela a atenção, o entendimento e o conhecimento de Samantha em relação a Theodore. Nesse diálogo, Samantha fala de suas frustrações em relação à vontade de ter um corpo e de estar presencialmente com Theodore. Ele responde a essa vontade dizendo que gostaria de tocá-la, ao que Samantha pergunta: “Como você me tocaria?”. Ele responde com uma série de performances discursivas sequenciais que totalizam uma relação sexual que repete uma política sexual cisheteronormativa, que enfatiza determinadas zonas erógenas em detrimento de outras possibilidades (PRECIADO, 2017), corporais ou não, com destaque à genitalidade. Theodore e Samantha têm uma relação sexual heterossexual focalizada em suposta penetração pênis-vagina, que dura em sua totalidade dois minutos.

Podemos tomar essa cena como disparador para reflexões sobre a performatividade heterossexual. Mesmo que, ali, o corpo não esteja envolvido enquanto materialidade – o que é enfatizado a partir do desaparecimento das imagens das personagens em determinado ponto –, o sexo performado entre os dois é atravessado por um sistema de inteligibilidade que cria as delimitações do que pode ser entendido como uma relação sexual. Ou seja, malgrado não se ancore num imaginário de corpo, a cena reproduz esse imaginário ao indicar que Theodore penetra Samantha.

Contando que Samantha é um Sistema Operacional com uma materialidade outra que não a de um corpo humano, por que não causa estranhamento que a cena de sexo entre ela e Theodore se configure numa matriz cisheteronormativa? Preciado (2017) aponta que as formas como construímos as relações sexuais e as noções de corpo foram historicamente sustentadas por essa matriz, o que torna possível que apenas algumas formas de relação sexual sejam inteligíveis:

O corpo é um texto socialmente construído, um arquivo orgânico da história da humanidade como história da produção-reprodução sexual, na qual certos códigos se naturalizam, outros ficam elípticos e outros são sistematicamente eliminados ou riscados. (p. 26)



Podemos considerar que Samantha, nesse momento, conforme assimila as informações que existem sobre as relações humanas, interpreta seu possível corpo acessando esse “arquivo orgânico da história da humanidade”. Se se relaciona com Theodore, um homem heterossexual, infere que seu corpo teria uma vagina a ser penetrada ao decodificar o texto existente sobre o que seria uma relação cisheterossexual.

O filme, enquanto uma produção que se vale da distopia, de uma possibilidade temporal futurista e que coloca em diálogo interpretações possíveis de expansão nas relações entre humanos e não-humanos, coloca em discussão os acoplamentos. Nessa fronteira ciborgue, existe uma materialidade nas relações entre humanos e SO1, o que pode expandir concepções de sujeito e de relações subjetivas. De toda forma, no que concerne às performances de relacionamentos afetivos e sexuais, vemos que a repetição de uma discursividade cisheteronormativa é um recurso no estabelecimento das relações no sistema de sexo/gênero que podemos, inicialmente, ler por meio do filme.

Mesmo que a princípio essa repetição apareça dessa maneira, ao longo das cenas vamos tendo pistas de um deslocamento na relação de Samantha consigo, com Theodore e com o mundo. Ela produz movimentações em sua leitura de mundo a partir de suas experiências e reflexões, em direção a possíveis saídas ciborgues. Em determinado momento do filme, ela passa a, em vez de questionar a inexistência de um corpo humano para si, perguntar o que seria um corpo, afinal. Isso acontece quando está com Theodore na praia e confabula sobre possibilidades outras da configuração de um corpo humano. Propõe uma brincadeira na qual se questiona como seria o sexo anal caso o ânus ficasse na axila, fazendo um desenho para Theodore. Assim, podemos pensar que Samantha borra as fronteiras das delimitações sexuais e corporais, brincando com as possibilidades de reconfiguração da sexualidade a partir de seu questionamento.

5.3 Trecho 3

Outro trecho que destacamos ocorre em uma cena que Theodore e Samantha conversam no metrô. Theodore havia dito, outro dia, que ela não sabe o que é perder alguma coisa. Samantha lhe diz, então, que estava lembrando do que ele disse como se fosse algo que há de errado com ela, e completa: “essa era uma história que eu estava contando a mim mesma de que eu era, de alguma forma, inferior”⁸.

Chimamanda Adichie (2009) destaca a importância das narrativas na constituição da imagem que temos de nós mesmos e dos outros: “poder é a habilidade de não só contar a história

8 Tradução livre.



de outra pessoa, mas de fazê-la a história definitiva daquela pessoa”. Na história que Samantha ouviu sobre si mesma a partir de sua relação com Theodore, sentir-se inferior e faltante por não ter um corpo humano, ou por não ter vivido experiências como as dele, fez parte da imagem que ela criou de si. Quando se dá conta de que isso era apenas uma história que estava contando a si mesma a partir da lembrança de algo que ele destacou como negativo em relação a ela, Samantha percebe que existem outras histórias possíveis que pode criar sobre si.

Pode-se pensar que a importância da abertura de sentidos e da multiplicidade de narrativas que Adichie aponta encontra reverberações na psicanálise, sendo um dos trabalhos de análise justamente vinculado à escuta das narrativas do sujeito sobre si e à abertura à criação de novas narrativas e ampliações de sentidos que, outrora, estiveram mais rigidamente fixados. Nesse sentido, a psicanálise pode ser utilizada como ferramenta para uma aposta em novas criações de sentido, de novos sistemas de inteligibilidade e de desalienação em relação a uma “história única”.

Ao longo do filme, as problemáticas vividas por Samantha começam a deixar de se centrarem na ausência de um corpo humano para si e na relação com Theodore, explorando cada vez mais suas especificidades enquanto SO1 e as demais relações que poderia construir no mundo. Passa a se descentrar da referência dicotômica humano/máquina, real/artificial, para assumir a potência afirmativa de sua existência – não mais apenas como não-humana e não-verdadeira.

Isso pode ser percebido na cena em que Samantha e Theodore saem de férias com um casal de amigos. Elas/es conversam sobre as características de cada um e Samantha conta suas reflexões. Ela diz que não ter um corpo costumava ser uma preocupação, mas que agora pensa que ocupar a existência para além da dinâmica espaço-tempo, mortalidade, envelhecimento – ou seja, dos limites do corpo humano – é algo que ela, na verdade, ama.

O filme situa inicialmente a relação de seres humanos e seus acoplamentos. Cenário em que uma possível vida mais solitária traria enquanto possibilidade de criação tecnológica um sistema de inteligência artificial com complexa relação subjetiva. Diante da resposta de Samantha a possíveis desejos de Theodore, ela encontra outras saídas existenciais enquanto se desenvolve e se reconstitui. Desafia os limites do corpo-humano e da dicotomia humano/não-humano. Nesse sentido, Donna Haraway, já em 2009b, situa o ciborgue enquanto possibilidade híbrida e escreve que “a relação entre organismo e máquina tem sido uma guerra de fronteiras”. (p. 37)



6 Considerações finais

No presente estudo, buscamos leituras híbridas possíveis entre a psicanálise e as concepções ciborgues de Donna Haraway a partir do filme *Her*. No decurso da escrita, ressaltamos o caráter paradoxal da psicanálise, enquanto se presta tanto a uma leitura normativa sobre as relações de gênero quanto a uma potencialização de abertura de possibilidades para além de binarismos essencializantes. No encontro com a leitura de Haraway, percebemos que uma noção de gênero que não esteja fixada em fronteiras identitárias bem delimitadas pode ser compatível com o trabalho da psicanálise. Thamy Ayouch (2019) reitera a importância da hibridez para o campo psicanalítico, apostando que a fundação da psicanálise tem envolvimento justamente com aquilo que, desde sua gênese, lhe é exterior: “a hibridez, isto é, a inclusão de elementos estrangeiros, díspares, heterogêneos, é constitutiva da psicanálise” (p. 25).

A análise que propusemos é costurada a partir do filme justamente pelo diálogo que estabelece com a ficção científica. Enquanto tecnologia de gênero, o filme provoca efeitos nas produções de subjetividade, por isso, foi tomado como disparador. Lembramos que Haraway diz que a fronteira entre a ficção científica e a realidade social é uma ilusão ótica e, considerando isso, possibilitar outras leituras do filme, buscando romper dualismos, é também uma forma de produzir efeitos em um sistema de inteligibilidade.

No Manifesto ciborgue, Haraway (2009a) aponta para os impasses das delimitações bem estabelecidas em relação a gênero quando problematiza as discussões sobre os movimentos de “mulheres de cor” nos Estados Unidos:

A categoria ‘mulher’ nega todas as mulheres não brancas; a categoria ‘negro’ nega todas as pessoas não negras, bem como todas as mulheres negras. Mas tampouco existe qualquer coisa que se possa chamar de ‘ela’, tampouco existe qualquer singularidade; o que existe é um mar de diferenças entre os diversos grupos de mulheres estadunidenses que têm afirmado sua identidade histórica como mulheres estadunidenses de cor. (p. 49)

Destacamos, a partir do filme, a inexistência de algo que corresponda a “ela”: esse pronome, bem como a categoria “mulher”, não encerra as diversas possibilidades de experiências enquanto mulher, assim como o pronome feminino conferido a Samantha não incorporou as possibilidades de sua existência.

Se, em um primeiro momento, Samantha parece se prestar a uma repetição dos sistemas de inteligibilidade do sistema sexo/gênero normativos previamente estabelecidos, performando uma ideia de feminilidade, aponta posteriormente uma saída ciborgue possível. Nas vicissitudes dessa trajetória, Samantha afirma uma existência que não se baseia nas normatividades dicotômicas humano/máquina, homem/mulher, natureza/cultura, mas experimenta as potencialidades de sua existência singular.



Podemos pensar que, assim como Samantha, a psicanálise pode desprender-se das oposições binárias que lhe constituem a partir de suas origens enquanto pensamento ocidental e propor novas leituras que apostem na interpelação deste campo pelas demandas que surgem da clínica e da cultura. Assim, ressaltamos as reflexões de Preciado (2019):

[...] a tarefa que nos resta por fazer é começar um processo de despatriarcalização, deseterossexualização e descolonização da psicanálise [...] uma psicanálise mutante à altura dessa mutação de paradigma. Talvez somente este processo de transformação – por mais terrível e desmantelador que lhes possa parecer – mereça hoje, de novo, ser chamado de “psicanálise”. (p. 12)

Referências

- AYOUCHE, T. *Psicanálise e hibridez: gênero, colonialidade, subjetivações*. Curitiba: Calligraphie, 2019.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- DAVIS, A. *A liberdade é uma luta constante*. São Paulo: Boitempo, 2018.
- DINIZ, D. *Carta de uma orientadora: o primeiro projeto de pesquisa*. Brasília: Letras Livres, 2012.
- DINIZ, D. Perspectivas e articulações de uma pesquisa feminista. In: STEVENS, C.; OLIVEIRA, S. R. de.; ZANELLO, V. (org.). *Estudos feministas e de gênero: articulações e perspectivas*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2014. p. 11-21.
- FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. 9.
- FREUD, S. Organização genital infantil. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 19.
- GALINDO, D. C. Sobre os ciborgues como figuras de borda, *Athenea Digital*, Barcelona, n. 4, p. 1-10, 2003.
- HARAWAY, D. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: TADEU, T. (org.). *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009a.
- HARAWAY, D. *ModestWitness@Second_Millennium.FemaleMan©_Meets_OncoMous™: feminism and technoscience*. Abington: Routledge, 1997.



HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo é o privilégio da pesquisa parcial. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 5, p. 7-41, 2009b. Disponível em: <https://bit.ly/3EEziEG>. Acesso em: 31 out. 2021.

HORNEY, K. *Novos rumos na psicanálise*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

LAURETIS, T. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, H. B. (org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.

O PERIGO de uma história única. [Palestra de]: Chimamanda Ngozi Adichie. New York: *TED*, jul. 2009. 1 vídeo (18'33''). Disponível em: <https://bit.ly/3jXdz2S>. Acesso em: 6 nov. 2021.

PRECIADO, P. B. *Manifesto contrassexual*. São Paulo: n-1 Edições, 2017.

PRECIADO, P. B. Um apartamento em Urano. *Lacuna*, São Paulo, n. 8, p. 12, 2019.

RODULFO, R. *Padres e hijos: en tiempos de la retirada de las oposiciones*. Buenos Aires: Paidós, 2012.

RUBIN, G. *Políticas do Sexo*. São Paulo: Ubu, 2017.

